

*Quando o sol
deixa de brilhar*

- Contos / Memórias -

Edição revista

Ilda Pinto Almeida



Tecto de Nuvens

Prefácio da nova edição

Tive o prazer de ler o livro de Ilda Pinto de Almeida *Quando o sol deixa de brilhar*, no âmbito do meu projecto Fulbright/Instituto Camões para investigadores visitantes, sobre emigração portuguesa em New Jersey. Neste trabalho ainda em curso, propus-me conhecer as experiências de vida destas mulheres e homens portugueses que, como tantos outros no mundo, saíram do seu país natal para se lançarem na aventura (muitas vezes homérica) de irem viver e trabalhar noutra país, noutra continente, falando outras línguas. Uma das dimensões destas experiências biográficas é o carácter propriamente autobiográfico dos relatos de migração, que, na grande maioria dos casos é recolhido pelos antropólogos e analistas sociais através de entrevistas ou histórias de vida no terreno. Menos frequente é encontrarmos autobiografias escritas e muito menos publicadas ou publicadas por editoras com revisores e avaliação dos manuscritos. É este o caso do livro que aqui nos ocupa.

O facto de Ilda Pinto de Almeida ter escrito e publicado uma obra autobiográfica produzida no contexto da diáspora (embora apenas relatando a sua vida até à tenra idade dos 17 anos), é socialmente significativo, importante e pertinente para compreendermos algumas mudanças na imagem pública e vida privada de portugueses residentes no estrangeiro, tecnicamente apelidados de emigrantes. No trabalho que faço, analiso obras como a da Ilda entendendo-as como uma emancipação *glocal* da/os emigrantes portugueses face aos estereótipos e discursos dominantes pouco favoráveis a uma imagem positiva. A escrita de uma autobiografia requer, segundo os especialistas, não apenas uma competência para escrever, como também uma autoridade para se ser escutado, lido e reconhecido. Este é ainda mais o caso, quando a autobiografia escrita é publicada num livro, sobretudo numa edição chancelada por uma editora e não apenas numa edição de autor. Além disso, recentemente esta obra foi premiada no âmbito do Premio Literacidade 2014, no Brasil.

A competência para escrever, só por si, já é um distintivo nos contextos migratórios dos países do sul da Europa da primeira metade do século XX. No caso de Portugal, como se sabe, até aos anos 1970, as taxas de analfabetismo chegavam perto dos 40% entre as mulheres, e perto dos 35% entre os homens. Isto significa, que Ilda pertence a uma minoria de mulheres portuguesas da época em que foi escolarizada. Mas a competência para escrever não é apenas técnica (conhecer a língua e dominá-la na escrita). Ela é também social, no sentido em que para escrever é preciso ousar escrever, ser livre de se expressar e auto-avaliar a própria escrita como sendo válida, valiosa e útil à colectividade. Este livro tem essa competência.

A autoridade a que nos referimos, por sua vez, resulta desta “micro-política” da escrita autobiográfica que não só advém do valor colectivo das experiências privadas (aquilo a que o sociólogo italiano Franco Ferrarotti chama de singular-plural), como do peso ou relevância pública da ousadia de escrever sobre si e publicar obra. O historiador Jack Goody, no seu famoso livro sobre o poder da tradição escrita (*The Power of the Written Tradition*, 2000) mostra como o acesso à escrita publicada corresponde a um poder. Poder esse historicamente vedado às pessoas comuns, sobretudo às camadas populacionais longínquas das elites intelectuais e políticas. Assim, conhecer um livro como “Quando o sol deixa de brilhar” é conhecer uma ousadia muito rara entre portugueses da diáspora e uma portuguesa, mulher, sem padrinhos literários ou políticos. Parabéns também por isso, Ilda! Muito significativa nesta publicação é a motivação da autora: “Levar aos leitores a mensagem de que é possível ultrapassar obstáculos mesmo quando tudo parece perdido. Depois mostrar aos leitores, especialmente aos novos, o Portugal de ontem. Pensarem que nem tudo é tão mau assim nos dias de hoje.” Uma mensagem de força e de esperança, portanto. Pensando nos outros, num acto de altruísmo que contrasta com as solidariedades pantanosas das redes de dependência que muitas vezes são as redes de sociabilidade na emigração. Ilda Pinto de

Almeida escreve para ajudar os outros e ajuda-se a si própria nesse exercício.

Mas para além destas considerações mais propriamente analíticas sobre o livro de Ilda Pinto de Almeida, há que dizer que a leitura desta obra é prazerosa, fluida, e comovente. Ilda transporta-nos para o quadro da sua infância com delicadeza, retratando uma família também ela pouco típica do contexto da época na zona de Viseu. Os hábitos curiosos de sua mãe, assim como a pouca religiosidade de seu pai, eram um sinal inequívoco de um Portugal plural que fogia e foge às ideias feitas e imagens generalizantes do que é ser português/a agora e antes. Depois somos confrontados com o relato do terrível acidente que deixou a autora sozinha, sem pai, nem mãe, nem irmão mais novo com quem tanto brincava. A genuinidade da sua escrita sobre um episódio tão doloroso e marcante da sua vida, sensibiliza ainda mais o leitor, deixando-nos a impressão de que estamos a ler uma pessoa madura, inteligente, que sabe digerir as experiências mais duras da existência.

A perda de parte da família, a perda da sua meninice, a perda do carinho dos pais, a par da perda dos laços quotidianos ao país que a viu nascer, fazem multiplicar os ganhos em sabedoria desta autora que nos oferece uma parte da sua vida em papel para ler e reler. Agradeço à Ilda o facto de me ter confiado a sua obra, mesmo antes do seu lançamento. E de me ter desafiado a escrever estas poucas linhas sobre o seu belo trabalho. Desejo que continue a escrever sempre mais e com a mesma dedicação aos outros. Ficamos à espera dos próximos capítulos da sua autobiografia aqui iniciada! Conte-nos a sua vida na Suíça e os seus vinte e tal anos aqui nos EUA. *

Um abraço em português,

Elsa Lechner, 11-09-2014

*A publicar em 2020

NO SILÊNCIO

O céu está azul e o sol brilha suave sobre uma brisa calma.

A passarada chilreia em volta das frutas outonais.

Aqui sentada, debaixo do sol sereno que me aquece, escrevo. São os sons dos robins, que teimam em comer todos os figos, são os aviões que levantam em direcção ao céu num ruído estonteante no meio de um silêncio quase que implacável. De repente são *os humming-birds* que fazem uma visita na rapidez de suas asas, picando uma flor aqui outra ali; flores que fazem questão de se manterem abertas, dando quase uma graça de Primavera.

Mas o silêncio persiste e a vida continua fora da agitação diária. As borboletas dizem *bom dia!*, numa saudação de elegância, passando rapidamente.

Logo dou com os meus olhos nas abelhas que fazem corrida em um zunido aterrador para se apoderarem da fruta caída no chão, não reparando sequer no vermelho dos cardinais que começam a chegar para o tempo invernosos que se avizinha. Estes mostram toda a sua imponência com sua presença magistral, mas as abelhas apenas estão interessadas naqueles figos já caídos de maduros.

De vez em quando lá ouço o ruído de um veículo que passa velozmente e me desconcentra deste ambiente nostálgico mas agradável, devido à quietude humana, apenas quebrado pelos sons dos aviões ou dos animais.

O sol já começa a retirar-se no horizonte por entre as nuvens e aqui continuo sentada num degrau da escada, escrevendo, e prestando atenção a tudo o que me rodeia neste momento.

O ADEUS

Tinha apenas treze anos quando no dia catorze de Fevereiro tudo aconteceu.

Sáiram pela manhã para assistir ao casamento de sua prima. Era o seu pai, sua mãe, sua irmã mais velha dez anos que ela, seu irmão mais novo que ela, sua sobrinha com apenas dois anos e pouco de idade e ela.

Levantaram -se bem cedinho para se arranjamem para a boda de casamento de sua prima que ficava a vários quilómetros de casa. Seu pai trajava um fato novo aos quadrados, bem chique, sapato engraxado e chapéu na cabeça. Ainda se lembra como se fosse hoje.

Sua mãe tinha um vestido novo de cor verde com umas florinhas bem salpicadas pelo tecido e umas lindas e elegantes botas pretas de cano alto.

Recorda -se de como ela usava aquele casaco comprido de cor verde que lhe tinha sido oferecido pelo menino Jesus no dia de Natal.

Seus pais ainda eram jovens, pois sua mãe contava com apenas quarenta e cinco anos de idade e seu irmão tinha apenas cerca de nove anos de idade.

Era uma viagem longa e cheia de curvas, as curvas do chouriço como lhe chamavam; e éramos uma vez deitados para a direita e outra vez deitados para a esquerda e assim sucessivamente numa carrinha Austin de cor cinzenta. Era uma risada todo o caminho a ver qual era o que se deitava com mais força por cima do outro.

O seu pai era o condutor da carrinha Austin, o passageiro da frente era a sua mãe e ao meio, em cima do

A MAIS BELA FLOR

O criador do seu trono olhou
Seu jardim amou e uma flor
Consigo Ele levou
Ela era a mais bela
De todas as flores
Com seu criador ela
Viajou...
Sozinha me deixaste...
Num deserto sem fim...
Meus olhos te procuravam...
Por todo o jardim.
Queria encontrar -te
Para te dizer
Que eras tudo para mim.
Meus lábios secos de medo
Queriam apenas gritar...
Mãe... mãe... mãe...
Meu coração assustado
Chorava dizendo...
Onde estás?... mãe...
Na escuridão da noite
Meu pensamento
Uivava por teu calor.
Eu apenas queria gritar
Mãe...
Meus lábios sofregavam
Por essa pequena palavra
Mãe...
Mãe... mãe... mãe...
Tu eras... mãe...
A flor mais bela
De todo o jardim.

DE REGRESSO AO SEU LUGAR DE ELEIÇÃO

Em Outubro foi para o liceu, mas nada na sua vida era mais igual. Não tinha dinheiro e muitas vezes ficava sem almoço. Foram muitas as vezes que comeu e até dormiu na sua madrinha que fazia questão que ela fizesse parte da mesa com seus filhos. Foi uma senhora de um amor exemplar e de uma capacidade e exigência no amor para com ela sem igual. Esta menina amava essa senhora e os seus filhos, pois tinham as mesmas idades e eram como irmãos.

Quando tinha necessidade de comprar algo de vestir ou até comprar o passe para o comboio, tinha que pedir a seus irmãos, mas isso era muito difícil para ela o fazer, por isso caminhava os quatro quilómetros a pé ou apanhava boleia para ir à escola ou para o regresso a casa.

Eles eram todos casados e tinham família, filhos pequenos e ela não se sentia bem em pedir.

Não era feliz, mas não desistia, embora muitas vezes tivesse esse pensamento. Mas sempre havia uma força interior que a fazia lutar. Precisava de tempo, tempo para ganhar raízes novamente.

Cymara Azevedo

Thank you Tia! Agradeço de coração porque isto é parte da nossa história. Uma tragédia que colheu pessoas MARAVILHOSAS e muda a história de toda uma família. Vou guardar com tudo que tenho deles.

Dudu Rodrigues

Ler seu livro nos envolve em cada palavra, em cada trecho, edifica-nos e envolve-nos com a graça que excede todo entendimento. Hoje, solicitado dar informações, não só sobre o livro em destaque, mas também sobre o seu outro livro: Chuva de Graça. Sucesso, sempre querida Ilda Pinto

Dina Pinto

Olá é para te dizer, amei o livro. Li-o todo até à uma da manhã, fiquei emocionada, ainda estou com ele no meu pensamento e coração, fez reviver, saudades. Um beijinho grande.

Carlos Paulino Ferreira

Queria agradecer-te por o nome da minha mãe fazer parte do teu livro (*Quando o sol deixa de brilhar*), mas também por reviver um período de tempo da minha juventude, isto nas 3 horas que demorei a ler este teu belíssimo trabalho.

Índice

Prefácio da nova edição	7
NO SILÊNCIO	11
ERA UMA RAPARIGA	15
INFÂNCIA	19
O NATAL	29
O NATAL DE INFÂNCIA	32
ADOLESCÊNCIA	35
O ADEUS	43
NO HOSPITAL	47
O ENCONTRO	51
A MAIS BELA FLOR	53
UMA FRUTA DA ÁRVORE ARRANCADA	57
HOMEM DO LEME	59
AUDIÊNCIAS JUDICIAIS	61
UMA VIAGEM	64
A FORÇA DE UM LUGAR	71
DE REGRESSO AO SEU LUGAR DE ELEIÇÃO	72
TEMPO	75
ALGURES NA CAMINHADA	76
O SEU PRIMEIRO TRABALHO	77
(CAPÍTULO DO NOVO LIVRO)	83
Sobre a primeira edição de “Quando o sol deixa de brilhar”.	85
Imprensa	89
Notícia sobre o acidente	92
Sobre a autora	95
Índice	99